

JEROME D. SALINGER

Romance da inocencia

Ao contrario do que muitos acreditam, as obras mais importantes da literatura norte-americana saem em pequenas tiragens. Não são "best-sellers". Pouco antes de Faulkner receber o Premio Nobel, quase todos os seus romances estavam esgotados, inacessíveis. As obras de vanguarda são lidas pela vanguarda; até nés outros só costumam chegar as criticas em que os amigos se elogiam reciprocamente. Enfim, quando um autor arranjou celebridade mais ampla, publicando contos em revistas menos exclusivas, a edição dos seus romances em volumes baratos, em pocket-books, permite controlar aqueles elegios. Agora, chegou a vez de uma obra que, tendo saído em 1953, foi saudada como "o mais importante romance norte-americano do pós-guerra". Um critico como Henry Seidel Canby e um romancista como John P. Marquand recomendaram-no ao "Book of the Month Club". Um critico da responsabilidade de Clifton Fadiman falou em "rare miracle of fiction". Um independente como Jos Steen é mais incisivo: "Literaria e eticamente, uma obra genial". É "The Catcher in the Rye", de J. D. Salinger.

O autor, natural de Nova York, 39 anos de idade, é um dos mais apreciados colaboradores da revista "New Yorker"; seus "short-stories" ali publicados têm as mesmas qualidades do romance: um grande talento de narrador, cultivando um estilo que se poderia chamar de realismo magico. A realidade cotidiana transformada em fantasmagoria, de tal maneira fascinante que o leitor não é capaz de largar os textos antes de os ter lido até o fim. Por isso ainda não é preciso falar em genio. Mas em todo isso "The Catcher in the Rye" é — as criticas citadas são prova suficiente — uma obra significativa da literatura norte-americana contemporanea.

OTTO MARIA CARPEAUX

É um pequeno romance picaresco: 43 horas de um adolescente na escola, na estrada de ferro, em bueiros e hotéis suzeiros de Nova York, passam como um sonho fantástico. Numa especie de monologo interior, em ritmo rapidissimo (137 paginas apenas) o menino Holden Caulfield (16 anos de idade) conta sua aventura: filho de um "advogado de grandes companhias" em Nova York, sprá expulso do collegio interno, algaures no interior da Pensylvania, porque não quer estudar e é rebelde; foge da escola, dois dias antes do começo das ferias de Natal, viaja para Nova York; afunda-se por 43 horas nos "bas-fords", bebe, é roubado, encontra-se num hotel com uma prostituta e logo apavorado, foge para encontros com meninas estupidas e, enfim, para os braços da querida irmã Phoebe que o leva para casa; os pais mandam-no para outra escola. E é tudo. O grande conflito de adolescencia de Holden Caulfield está resolvido.

Tudo ou nada? Descoberta dos mistérios da vida perante os olhos de um innocente? Ou mera fantasmagoria, alucinada na Broadway e na subway? Anunciadamente, uma duvida dessas colocou em apuros o critico. Hoje, não. Hoje se acredita possuir uma chave para abrir todos os mistérios literarios: essa criada para todo o serviço chama-se análise estilística. No caso, a análise do vocabulario explicaria os símbolos encerrados na obra.

É preciso admitir que Mr. Salinger facilitou extraordinariamente o trabalho do analista. A riqueza lexicologica de Holden é muito reduzida. Certas palavras voltam com frequencia enorme. Todos os objectos do "ambiente" usado como se fosse adjectivo, quando não são "a hell of..."

Todas as pessoas são "old"; o professor de historia é "old" e a irmã Phoebe, menina de 15 anos, também é "old Phoebe"; os acontecimentos dividem-se em os "that kill me" e os "that killed me"; além disso, tudo é "crazy" ou "lousy". É imitação virtuosistica da gíria dos collegios, dos adolescentes. Enfim, o proprio Holden admite: "I have a lousy vocabulary". Eis os materiais que a análise revela. E agora? Nada feito. Pois infelizmente, há varias combinações possíveis das peças assim isoladas; varias possibilidades de interpretação.

O romance inteiro é um monologo interior, meio para radiografar a alma do adolescente. A primeira possibilidade de interpretação e psicologica. Os acontecimentos, os ambientes, os personagens em torno de Holden não têm existencia real; ao contrario, são deliberadamente "des-realizados". As peças da realidade, no romance, os episodios do enredo só têm significação simbolica: são símbolos dos problemas da vida — o amor, o dinheiro, a morte — apresentados ao menino durante aquelas 43 horas como num ensaio geral antes de começar a propria peça. A adolescencia esta passando, irrecuperavelmente: "that killed me". Na viagem para a vida, a lembrança do paraíso perdido acompanha-nos como um espelho puro; mas o que se reflete nele já é a estupidez e a sordidez dos adultos, este mundo "crazy" e "lousy". Enfim, tudo parece "old". Para Holden, uma menina de 15 anos já é "old". O proprio Holden vira "old", nesse fim de um "Adeus à Adolescencia".

Há 39 anos, a critica falou (ao meu ver, muito injustamente) do infantilismo dos personagens de Hemingway; da imaturidade emocional de Frederic e Catherine, em "Adeus às Armas". Em comparação, Holden não é uma

criança, mas um embrião. Contudo, ninguém parece percebê-lo: com tanta segurança se move o colegial de 1959 no mundo das buéates e hotéis. Ele mesmo o diz: "Sometimes I act a lot older than I am, but people never notice it. People never notice anything". A frase, tão aforística, aparece num momento crucial do enredo, correspondendo exatamente

a uma outra frase, contrária, em outro momento crucial: "I act quite young for my age sometimes... It's really ironical, because I have gray hair". Os princípios da análise estilística nos mandam dar importância especial a essas duas afirmações reveladoras. Mandam "to notice" aquilo que "people never notice". Ali está escondida outra significação do romance.

A criança com cabelos grisalhos é símbolo do adulto emocionalmente (talvez também intelectualmente) imaturo. O romance seria "really ironical". Seu assunto: o infantilismo desta nossa época, assina como Huizinga em "A sombra de amanhã" o descreveu ou predisse. Holden, com seu "lousy vocabulary", confessa: "I'm quite illiterate, but I read a lot". Poderia ser o herói do livro que o pedagogo Rudolf Flesch escreveu, "Why Johnny Can't Read", sobre o baixo padrão intelectual da escola americana e sobre o retrocesso gradual aos sinais visuais ("Ideograph") na época da "cultura das massas". Seria este o verdadeiro assunto de Salinger? Se for assim, seu "realismo mágico", sua "desrealização" da realidade seria recurso para desmascará-la, para mostrá-la à luz oblíqua da sátira.

Mas sátira, isto é, denúncia e acusação, não é possível sem um critério de valor que o satirista considera superior aos critérios do mundo denunciado e acusado. É evidente que a análise estilística deixa de ajudar-nos, nesta altura: porque desconhece aqueles critérios.

"One cannot speak of fiction without sooner or later speaking of values", diz John W. Aldridge. O valor que Holden personifica, nesse mundo estúpido e sordido dos adultos, é o mesmo que levou para as suas aventuras o herói do protótipo da ficção americana, romance pitoresco como "The Catcher in the Rye": o Huckleberry Finn, de Mark Twain. Simboliza o "senho americano", de liberdade criadora. Em Mark Twain, o fim da aventura já foi melancólico: "Aunt Sally she's going to adopt me and civilize me and I can't

stand it". Holden Caulfield também "can't stand it". Mas enfim volta para casa: e será mandado para outro colégio interno, como se isto fosse o resultado lógico e inevitável da sua aventura. E o romancista Salinger parece de acordo: pois considera satisfatoriamente encerrado o episódio.

Tem toda a razão: pois a aventura de Holden não precisa de outra solução, diferente. Pensa-se nos adolescentes e jovens de Alberto Moravia, em "Agostino" ou "Gli Indifferenti" cuja iniciação na vida e passagem por um inferno. E depois se percebe melhor: durante a aventura de Holden não aconteceu, no fundo, nada: pelo menos, nada de sério. Foi expulsão da escola? Será mandado para outra. Perde seu dinheiro? São poucos dólares; e a irmã "foid Phoebe", emprestadas suas pequenas economias. Encontra-se em hotel suspeito com uma prostituta?

Mas foge apavorado; jura "ter guardado sua inocência". E mesmo se as dificuldades e perigos fossem muito maiores, Holden sabe do início (e o leitor com ele) que o "happy end" está garantido pelo seguro porto de salvação da casa paterna, do pai que é essa conhecida figura da mitologia econômica americana, o "advogado de grandes companhias". A essa segurança sem esforço corresponde o reduzido esforço intelectual do romancista: um pouco de psicanálise, de segunda mão; e é só. Romances da adolescência como "Demian", de Hesse, ou "The Portrait of the Artist as a Young Man", de Joyce, ou "A. M. D. G.", de Pérez de Ayala não poderiam ser escritos naquela gira de colegiais, naquele "lousy vocabulary", suficiente de mais para ser uma máscara do romancista. As intenções de Salinger podem ter sido psicológicas ou satíricas; mas o resultado foi outro. "The Catcher in the Rye" não é romance do infantilismo. É mesmo um romance infantil.

O problema não é de crítica literária, mas de sociologia literária. O verdadeiro problema não é a interpretação do romance, mas o sucesso da obra.

No ensaio "Adolescence and Maturity in the American Novel" (no volume "An End to Innocence"), Leslie A. Fiedler pergunta: "Can the lonely individual unsustained by tradition in an atomized society, achieve a nobler adult and complicated enough to be the consciousness

of its age?" Durante meio século a literatura norte-americana foi, a esse respeito, comparável à grande literatura russa do século XIX, a voz da consciência do seu país e, quase, do

mundo. Seu instrumento principal, para tanto, foi o romance. Há nesse gênero, desde os seus inícios um elemento de inconformismo: desde Cervantes e Fielding até Stendhal, Balzac, Flaubert, os grandes russos e até Joyce. O romance norte-americano é caracteristicamente inconformista: já o foi em Hawthorne, Melville e no autor de "Huckleberry Finn"; continuou sendo em Dreiser, Sinclair Lewis, Sherwood Anderson e nos Dos Passos de tempos idos. Foi este o ideal americano de homem adulto, assim como Emerson o formulou em "Self-Reliance": "Whoso would be a man, must be a nonconformist". Mas hoje, Huck Finn está, graças a Aunt Sally e varios tios, bem civilizado (menos o "lousy vocabulary"). Quando se revolta, é — como reza o título do conhecido filme de Nicholas Ray — "Rebel without a Cause". E quando passa por aventuras, não faz acontece nada, porque o pai é advogado de grandes companhias.

Salinger "desrealiza" a realidade, não para transfigurá-la, mas para adaptá-la ao gosto dos leitores da revista "New Yorker". O menino Holden Caulfield pode passar por essa realidade sem perder a virgindade. No fundo, não precisava passar por aventura nenhuma. O próprio Salinger o diz, no melhor estilo de Holden, nas últimas frases da obra: "If you want to know the truth, I don't know what I think about it. I'm sorry I told so many people about it... Don't ever ever tell anything". A essa autocritica, mais forte que os elogios dos conselheiros do Book of the Month Club, a crítica não precisa acrescentar nada.

"JORNAL DA TARDE" -13-1-66

Apanhador no campo de centeio

Carlos Lacerda

Foi esse o título, em português, exigido por J. D. Salinger para a tradução da sua novela "The catcher in the rye". Três jovens diplomatas, Alvaro Alencar, Antonio Rocha e Jorio Dauster traduziram. No mais saboroso linguajar carioca, essa bomba de gíria.

É fácil, através de um livro como esse, compreender a mecânica da revolta da inteligência americana contra o conformismo social e a "massificação" da inteligência. O que Sinclair Lewis fez com "Babbitt" — a inevitável citação — e a "geração perdida" com o exílio voluntário em Paris, nas touradas e nas trincheiras, Salinger repetiu agora, com Truman Capote — cujo relato de um crime, "In wild blood", vamos editar, este ano, na Nova Fronteira.

Se alguns da geração perdida depois se acharam, pelo triunfo quase diria inevitável do seu talento, desde Dwight MacDonalé a Ernest Hemingway — cujo delicioso livro sobre a sua juventude em Paris, querendo ser amargo é um doce legado que nos vem de outra vida e de outro tempo — creio que caberia mencionar um outro tipo de revolta. Mais humilde, talvez, ou mais mediocre, para muitos. Outros diriam-na mais pretensiosa: a de Upton Sinclair, o socialista, com seus retratos deformados, cruéis com os poderosos, generosos com os humildes, das contradições da sociedade; até a de Jack London, como uma espécie de Rousseau retardatário, suas histórias de movimento e de aventura. Isto para não remontarmos às origens do não-conformismo na literatura americana, com Helmann Melville, Edgar Poe, Walt Whitman e o próprio Mark Twain.

Os não-conformistas de agora são principalmente discípulos de Henry Miller e James Joyce, pelo menos no que se refere à sua revolta contra as convenções que se expressam por palavras. Não creio mesmo que alguém haja, até hoje, acumulado tanto palavão em 191 páginas quanto Salinger no seu livro ora traduzido.

É um documento extraordinário de psicologia

da adolescência, esse trecho de uma suposta autobiografia de um colegial que é expulso do colégio e até chegar em casa passa uns dias vagueando por Nova York — espelho do mundo, do mundo contra o qual ele declara o seu nojo absoluto.

Não é, pois, um não-conformismo da maturidade, uma revolta definitiva, mas sim o momento próprio, a fase clássica — se assim posso dizer — do protesto. E este assume, sobretudo, uma forma verbal, pois afinal ele fala muito e ousa pouco, mais se gaba do que faz e nem sequer se suicida, como todo adolescente que protesta.

Tomado, assim, como um documento, é extraordinário esse livro e tem momentos extremamente cômicos, na sua forma insólita, ainda mais do que insolente, de protestar pornograficamente contra o mundo conformado às regras e convenções da felicidade e da desgraça, das conveniências e das aspirações.

Mas, será o caso de perguntar, se dessem a um jovem dessa mesma idade, com essas mesmas tendências e experiências, oportunidade de ditar suas reflexões e reações, não sairia o mesmo livro ou, quem sabe, outro melhor? Não é uma diminuição para o autor, é um comentário sobre a volta, com ares de novidade e revolução literária, da "tranche de vie" do realismo copiado fielmente, à Zola. Teremos, breve, de reler os romances dos Rougen Macquart, para estar em dia com as fontes da literatura não-conformista?

Neste sentido, o livro de Salinger não merece o escândalo que provoca nem o êxito que vai ter. Mas, reconheço, raramente alguém conseguiu reproduzir tão fielmente essa ansiedade, essa angústia, este sentimento de estar por fora, próprio dessa fase da vida da qual só se gosta quando já passou, que é a adolescência.

A não ser alguém como Goethe, cujo "Werther" põe o sr. Salinger na situação de um cronista perto de um artista,

Mas já é muito dizer.